

"Leve e inteligente, uma história para aquecer o coração." – *The People*

Lucy Diamond



A CASA dos NOVOS COMEÇOS

Um verão que mudaria tudo...

A casa dos novos começos
Lucy Diamond

*Para Martin, com amor
A muitos anos felizes
na casa número três*

Quadro de avisos de SeaView:

LEMBRETE

Para todos os moradores

POR FAVOR, distribuam a correspondência pelos escaninhos apropriados assim que a receberem. Agradeço também se puderem NÃO deixar tudo espalhado. Além de ficar bagunçado, representa um risco de incêndio. Para poderem distribuí-las apropriadamente, segue abaixo a lista dos moradores.

Apartamento 1 - Rosa Dashwood

Apartamento 2 - Joanna e Beatrice Spires

Apartamento 3 - ~~Michael Donovan e Dominic Sanders~~

Apartamento 4 - Charlotte Winters

Apartamento 5 - Margot Favager

Angela Morrison-Hulme

Administradora

Prólogo

Charlotte sonhava com Kate de novo. Desta vez, estavam em um lindo jardim, só as duas, com magnólias carregadas de flores, pássaros cantando, e várias tulipas cor-de-rosa balançando suavemente com a brisa sussurrante da primavera. *Ah*, pensava Charlotte, surpresa, *aí está você, Kate! Devo ter me enganado. Estava enganada esse tempo todo, e ninguém me contou!*

Não conseguia deixar de olhar para Kate. Os lábios rosados, as maçãs do rosto arredondadas, o cabelo escuro e sedoso.

– Pensei ter perdido você – disse ela maravilhada, abraçando-a com carinho e sentindo seu cheirinho bom de sabonete.

Não sabia bem se ria ou chorava de alívio, sentindo o rosto macio de Kate contra o seu. Era a melhor sensação do mundo.

– Você estava aqui esse tempo todo. Por que ninguém me contou?

– E as manchetes das sete horas da manhã de hoje – disse então uma voz séria, interrompendo o momento, e tudo pareceu tremular, o sol se escondendo atrás de uma nuvem.

Charlotte não deu atenção. *Não me interessa*, pensou ela, abraçando a filha.

– Um homem de 49 anos está sendo interrogado pelo assassinato de um policial – continuou a voz, e um vento frio soprou pelo jardim de sonho no segundo seguinte, pétalas sedosas se desprendendo das tulipas.

Quando Charlotte baixou os olhos, Kate havia desaparecido.

– Não... – sussurrou Charlotte, olhando em volta, aflita. – Kate!

– O papa Francisco deve fazer um discurso hoje sobre...

– *Não!* – gritou Charlotte, o sonho se estilhaçando à sua volta em fragmentos brilhantes.

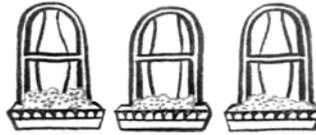
Se pudesse voltar para lá, pensou desesperadamente, puxando o edredom

sobre a cabeça para abafar o som do rádio. Voltar ao instante em que estavam juntas, só ela e Kate, o instante em que tudo estava bem de novo. *Feliz.*

– O primeiro-ministro foi alvo de duras críticas esta manhã, devido a...

Vai embora. Ela estendeu a mão e apertou o botão de soneca do alarme para não deixar que pensamentos sobre o primeiro-ministro invadissem sua cama. Porque, é claro, estava na cama e não em um jardim. Tinha 38 anos e já fazia algum tempo que acordava sozinha todas as manhãs em um pequeno e silencioso apartamento.

Quanto a Kate... bem, ela definitivamente se fora, e não voltaria. Nunca mais.



Capítulo Um

Georgie Taylor puxou o freio de mão, desligou o carro e olhou para o boneco em forma de bolinha verde peluda que passara muitos anos pendurado em seu espelho retrovisor.

– Então, chegamos a Brighton – disse ela, erguendo um ombro dolorido e depois o outro, em uma vaga aproximação da aula de ioga que um dia frequentara. – Estamos bem longe de casa, não é?

Como era de se esperar, o boneco não respondeu. Simon, o namorado de Georgie, teria rido se a visse conversando assim com uma pequena criatura inanimada de cabelo espetado, mas ela se afeiçoara muito ao rosto sorridente do bonequinho, que nunca julgava sua terrível baliza ou ré instável com seus grandes olhos de plástico. Às vezes, olhava para ele depois de uma péssima ultrapassagem, e era como se compartilhassem aquele pequeno momento, que nunca seria confessado a Simon. O que acontece no carro, fica no carro. Ou algo do tipo. Pensando bem, talvez estivesse pensando demais naquilo.

Enfim, ali estava: Dukes Square, seu novo endereço, sua nova cidade, sua nova vida! *Olá, Brighton*, pensou, descendo do carro, as pernas rígidas e pesadas depois de dirigir cinco horas para o sul. *Então você é assim*. Ela olhou para o outro lado da estrada movimentada próxima à praça, em direção à praia, onde o sol quente de abril fazia o mar cintilar como mil paetês. Passara de carro pelo Palace Pier alguns minutos antes, com suas montanhas-russas e barracas de souvenirs, e lá embaixo vira a orla com seus postes vitorianos e suas grades azul-claras. Sentia o cheiro de batatas fritas, algas marinhas e diesel, algo tão diferente do ar limpo, úmido e com cheiro de grama a que estava acostumada em Dales. Apesar do receio que sentira ao empacotar tudo o que tinham em Yorkshire para a mudança, não podia deixar de sentir uma ligeira animação. Morar perto do *mar!* Iam

mesmo morar perto do mar, só os dois, num pequeno e aconchegante ninho de amor. Uma nova aventura. Um novo capítulo. Muita diversão à frente!

Oi!, mandou uma mensagem para Simon. Já cheguei! Você tá vindo?

Georgie examinou o horizonte enquanto esperava a resposta, sorrindo que nem boba ao imaginar o namorado subindo a colina em sua direção, e os dois correndo em câmera lenta com os braços estendidos. Afinal, tinham passado duas semanas inteiras afastados. Duas semanas sem conseguir dormir direito, ouvindo todo tipo de barulho estranho que a casa deles fazia no escuro e preocupada de ter deixado alguma janela aberta. Duas semanas em que ele aproveitara a hospedagem em um hotel luxuoso em Brighton, dedicando-se ao novo trabalho. Uma verdadeira eternidade para duas pessoas que passaram toda a vida adulta juntas, o que era o caso deles.

Georgie e Simon namoraram durante todo o ensino médio, depois estudaram juntos na Universidade de Liverpool, e voltaram a Stonefield após a formatura. Então, arrumaram empregos na cidade – ela, como bibliotecária, e ele, como arquiteto. Embora ela não fosse lá uma bibliotecária muito dedicada, preferindo os dias chuvosos quando a biblioteca ficavam mais silenciosa e podia ficar sentada, chupando balas e lendo romances policiais, Simon, ao contrário, acabou se revelando muito talentoso. Dentro de cinco anos, seu estilo singular despertara o interesse de todos os tipos de pessoas no norte da Inglaterra, e um antigo chefe pedira sua contribuição para aquele novo projeto em Brighton: transformar uma imensa mansão vitoriana abandonada nos arredores da cidade em um hotel moderno. Seria o maior projeto de sua carreira até o momento, e ele ficara empolgado por seus designs terem sido escolhidos dentre todos que haviam concorrido à vaga.

– Querem que eu gerencie todo o projeto, seria loucura recusar – dissera ele, os olhos brilhando. – Vão ser apenas seis meses, e é a minha chance de fazer meu nome, George. Pode ser um passo decisivo.

Como era uma namorada legal e generosa, Georgie ficara feliz por ele, e orgulhosa também. É *claro* que queria que ele “fizesse seu nome”, é *claro* que esperava que ele desse esse místico passo decisivo. Mas, como também era humana, não conseguia ver como poderia conciliar essa novidade na carreira dele com o felizes para sempre com que *ela* sempre sonhara – o cachorro, os filhos, a adorável casa espaçosa em Yorkshire, e talvez mais um cachorro por via das dúvidas –, e isso a fazia sentir-se um pouco angustiada.

– E o que *eu* vou fazer enquanto você passa seis meses lá? – perguntara, tentando disfarçar a irritação. – Ficar à toa?

Ele parecera um pouco aflito com a pergunta dela. E pela expressão dele, que evitava olhar nos seus olhos, dava para ver que não fazia ideia, como se a pergunta de Georgie não tivesse lhe cruzado a mente durante todo o processo de decisão. Como se ele não se importasse!

– Podemos conversar pelo telefone, pelo Skype... – sugerira, hesitante.

– Durante seis *meses*?

Georgie tinha ficado horrorizada em ver como Simon parecia indiferente diante da perspectiva de passarem tanto tempo afastados.

Enquanto isso, em Stonefield, sua melhor amiga, Amelia, ficara noiva recentemente (no Dia dos Namorados, a maldita) e já começava a falar sobre vestidos de noiva. Suas amigas Jade e Sam também se casariam no verão. Quando Simon lhe dissera aquela noite que tinha algo para lhe falar, Georgie presumira que – finalmente! – chegara sua vez de ouvir o pedido, e sentira o coração palpitar. No passado, já se perguntara (muitas vezes) como reagiria àquele momento: dando um grito de alegria, atirando os braços em torno do pescoço dele, fazendo uma dancinha da vitória, ou talvez um espontâneo *high-five*. Mas parecia que ela ia ter que esperar um pouco mais para descobrir.

Então, após uma pausa longa demais, em que franzira a testa inseguro, como se tentasse descobrir a coisa certa a dizer:

– Que tal... ir comigo?

Ela não *queria* ter que ir com ele, essa era a questão. Principalmente quando a oferta fora tão sem entusiasmo, como uma reconsideração em vez de uma proposta séria. Ela preferiria que os dois continuassem em Stonefield, brincando de casinha em sua pequena casa geminada, com seu acolhedor fogão a lenha, indo ao pub com os amigos toda sexta-feira à noite, ouvindo os sinos tocarem na velha igreja de pedra todo domingo de manhã. (Ok, talvez não a parte dos sinos. Na verdade, era um pé no saco ter que acordar tão cedo, e de matar quando estava de ressaca.) Aventurar-se em um lugar novo onde não conhecia ninguém, onde não tinha emprego nem amigos? Soava terrível. Por outro lado, sempre que imaginava seu namorado sozinho em Brighton por seis longos meses, cercado por todos os tipos

de tentações, enquanto estava presa no norte do país, não lhe parecia uma alternativa melhor.

– É melhor ficar de olho nele – opinara Amelia, preocupada, mordendo o lábio e girando o anel de noivado no dedo.

A amiga fora à despedida de solteira de uma prima em Brighton no ano anterior e agora se considerava uma especialista sobre o lugar.

– Aquilo lá parece até o Velho Oeste nos sábados à noite, estou lhe falando. Despedidas de solteira. Despedidas de solteiro. Gente de bunda de fora e mau comportamento por toda parte. De jeito nenhum eu deixaria o Jason longe da minha vista por cinco *minutos* naquele lugar, que dirá por seis meses, George.

Georgie era a primeira a admitir que seu namorado era extremamente atraente, com seus ombros largos de jogador de rúgbi, cabelo loiro e sorriso aberto, e foi imaginá-lo cercado por um bando de mulheres loucas por sexo, talvez até mesmo laçado por uma vaqueira vulgarmente vestida, que finalmente colocou o último prego no caixão. Não era que não *confiasse* em Simon, disse a si mesma. Ia se mudar para morar com ele porque era uma namorada leal e solidária, só isso. E ele faria o mesmo por ela, não faria? Não a seguiria até o outro lado do país se estivesse em seu lugar? Claro que sim.

Enfim. Eles iam se arriscar e mergulhar de cabeça. Ele se mudara quinze dias antes e, enquanto isso, ela se demitira da biblioteca, guardara vários dos pertences dos dois num depósito – bem, na garagem dos pais dela, tanto faz – e alugara a casa deles por seis meses. Nesse meio-tempo, Simon arrumara um lugar para morarem e ali estava ela, aparentemente no centro da devassidão, embora o ambiente distinto em que se encontrava parecesse bem mais respeitável do que imaginara.

Ela deu uma olhada na grande praça que subia da orla, cercada de três lados por construções do período regencial pintadas de branco e creme, com janelas panorâmicas, e um enorme gramado no centro. E ela se perguntou qual daqueles prédios seria sua nova casa. (“Sério? Vai deixá-lo escolher seu *apartamento*, sem nem visitar primeiro?”, guinchara Amelia, com a mão no pescoço, pois sempre fora meio dramática. “Você... confia mesmo nele”, dissera, embora Georgie pudesse ver em seu rosto que, na verdade, queria dizer “... é completamente louca”.)

Mas Georgie se sentia confiante. Dera a Simon instruções bem específicas sobre o que esperava de sua casa nova: vista para o mar, para começar, ou,

pelo menos, enormes janelas por onde pudesse espiar o resto do mundo lá fora. Uma espaçosa e linda sala de visitas, onde receberia os amigos (não que conhecessem alguém ali, mas ela sempre fora o tipo de pessoa que fazia novas amizades em banheiros femininos, ônibus, e até mesmo no elevador de uma loja de departamentos certa vez). Um quarto grande o suficiente para abrigar seus livros. (“Você não precisa trazer todos os seus livros”, dissera ele. “É claro que preciso!”, replicara, espantada com a sugestão.) Uma sala de estar com lareira. (“Para assar castanhas”, sugerira Georgie de maneira sonhadora. “Em abril?”, replicara Simon, incrédulo. “Está bem, para fazer amor diante dela então”, dissera ela, sabendo que seria mais convincente.) Ah, sim, e um jardim, caso decidissem ter um cachorro, fora seu último pedido. (“Não vamos ter um cachorro”, dissera ele sem rodeios, mas Georgie, que adorava cachorros, e não conseguia pensar em nada que tornasse um lugar mais acolhedor do que um vira-lata saltitante de olhos brilhantes, ignorara sua última declaração. Simon só precisava se acostumar com uma ideia às vezes, era isso).

Ainda não havia sinal do namorado, então começou a subir a colina para procurar sua nova casa, no número onze. (“Ah, a décima primeira casa, isso é sinal de sorte”, dissera Amelia imediatamente quando Georgie passara o endereço. Sua amiga gostava muito de astrologia, e levava a coisa toda extremamente a sério. Amelia Astral era como a chamavam na escola. “A décima primeira casa na astrologia é a casa dos amigos, esperanças e desejos, objetivos e ideais. Não poderia ser melhor!”)

Sete... nove... onze. Lá estava. Uma imponente porta preta, três andares, aquela linda janela panorâmica em arco no térreo... Resumindo, o tipo de casa antiga elegante, de onde se podia imaginar damas vitorianas saindo, as longas anáguas farfalhando nos degraus pintados de branco. *Está vendo só, Amelia*, quis mandar numa mensagem, e pegou o celular para tirar uma foto, bem quando uma enorme Land Rover empoeirada com janelas escurecidas veio da estrada principal lá embaixo, atrapalhando a vista. O motorista virou de repente o veículo em uma vaga (com uma segurança invejável, precisava dizer; em um *Land Rover*, o motorista com certeza não precisava da compaixão de um bonequinho peludo), então saiu do carro: uma mulher de cabelos alaranjados e óculos escuros, usando um vestido preto assimétrico, uma enorme bolsa com estampa de zebra no ombro e aparentemente repreendendo alguém ao telefone.

– Depois não diga que eu não avisei – disse ela sarcasticamente enquanto caminhava pela calçada.

Georgie engoliu em seco quando a mulher subiu os degraus do número onze.

– Bem, isso não é problema meu, é? – disparou ao telefone antes de desligar abruptamente.

A mulher olhou para o relógio, franziu a testa e ficou parada, com os braços cruzados, com ar de quem estava à espera de alguém. Georgie tinha quase certeza de que aquela mulher intimidadora deveria ser sua nova senhoria. E, como Simon ainda não respondera sua mensagem – ou aparecera –, só havia uma maneira de descobrir.

– Bem na hora! – declarou a mulher, os lábios pintados de vermelho se abrindo em um grande sorriso quando Georgie se aproximou e se apresentou hesitantemente. Seus olhos eram tão azuis e brilhantes quanto o mar, e pareciam bem aguçados e atentos ao encararem Georgie. – Olá, meu nome é Angela Morrison-Hulme, sou a proprietária dos apartamentos. Prazer em conhecê-la.

Georgie queria estar vestindo algo um pouco mais glamouroso do que uma calça jeans desbotada, uma camisa listrada e seus tênis velhos e fora de moda que pareceram uma boa ideia quando tinha quatrocentos quilômetros de estrada pela frente. Seu cheiro provavelmente também não era dos melhores, agora que tinha parado para pensar.

– O prazer é meu – respondeu, sua voz emergindo como um balido nervoso. – Não sei direito onde Simon, meu namorado, está, mas ele deve chegar a qualquer minuto. Aliás, meu nome é Georgie Taylor. Oi.

– Muito bem, Georgie Taylor – respondeu Angela, que, diferente de sua nova inquilina sujinha, exalava um cheiro forte de perfume, que provavelmente custara mais do que o carro de Georgie. – Não posso esperar o dia inteiro pelo seu namorado, então deixe-me lhe dar isso. – Ela soltou dois conjuntos de chaves do imenso molho barulhento que tirou da bolsa. – Esta chave é da porta da frente do prédio, ok? A menor é do seu apartamento. Se perdê-las, há uma taxa de vinte libras para a substituição, mais você corre o risco de provocar minha famosa ira, então não as perca, está bem? – Então riu alto para mostrar que estava brincando. Pelo menos, era o que Georgie esperava. – Vamos entrar?

* * *

Após checar pela última vez os dois lados da orla para ver se Simon não estava chegando, ofegante – infelizmente não –, Georgie tirou uma mala e uma bolsa da mala do carro e entrou atrás da nova senhoria.

– Uau – murmurou ao chegar no hall de entrada.

O pé-direito era alto e havia uma escada ampla coberta por um tapete vermelho que dava voltas até o alto, o corrimão de carvalho polido pelas centenas de mãos que passaram por ele ao longo dos anos, enquanto as laterais de ferro forjado da escada de alguma forma davam um ar de glamour parisiense.

A Sra. Morrison-Hulme parecia satisfeita.

– Você gostou?

Georgie assentiu.

– É incrível – disse, sem conseguir deixar de compará-la à estreita escada da casa deles em Stonefield, em que se poderia tocar os dois lados da parede com os cotovelos se os virasse para fora.

Elas subiram as escadas até o patamar do primeiro andar, e a Sra. Morrison-Hulme destrancou a porta com o número “3”.

– Bem-vinda! – disse ela, segurando-a aberta para que Georgie pudesse entrar.

Georgie percebeu que prendia a respiração ao entrar em um corredor estreito, de onde outra porta levava à sala de estar. Largou, então, a mala e a bolsa e olhou ao redor, e sentiu o coração afundar até seus tênis velhos. Sem sombra de dúvida, sua primeira impressão foi... decepcionante. Em Stonefield, ela se empenhara em criar um ambiente aconchegante e luxuoso para a sala de estar, com verniz escuro no assoalho, um tapete branco macio, um grande sofá de couro com almofadas fofas, e a lareira no estilo salamandra que tornava as noites geladas quentes e acolhedoras. Em contrapartida, aquela sala era pequena, cheirava a mofo e tinha um sofá azul-marinho velho que afundava no meio e cortinas de veludo empoeiradas que mesmo a pessoa mais gentil não poderia descrevê-las sem mencionar o tom marrom cor de cocô. Apesar de toda a poeira nos vidros da janela, não havia como disfarçar o fato de que tinha vista para um pequeno pátio dos fundos com duas lixeiras grandes de rodinhas, e nenhuma vista incrível para o mar. *Ah, Simon*, pensou com desânimo. Não era de admirar que não havia aparecido na hora. Estava envergonhado demais para encará-la em razão da *casa nada ideal*.

– Então... esta é obviamente a sala de estar – disse a Sra. Morrison-Hulme,

caminhando rapidamente para a sala ao lado de Georgie e acenando o braço como se estivesse exibindo um salão exuberante.

– Sim – replicou Georgie com a voz fraca, incapaz de desencavar mais nenhum comentário, que dirá entusiasmo.

Deveria ter ouvido Amelia. Deveria ter insistido para Simon lhe mostrar pelo Skype todos os apartamentos que visitara. No que ele estava *pensando*?

– O banheiro fica aqui... – continuava a senhoria, voltando para o corredor e indicando a próxima porta pintada de branco. – A cozinha obviamente é aqui – continuou, mostrando um cômodo estreito de azulejos azuis com pia, geladeira, fogão e dois pequenos armários. Em seguida, explicou como ajustar o termostato e usar as bocas engorduradas do fogão. – E o quarto fica no final do corredor, ok? Acho que é tudo. Só preciso lembrá-la de que não é permitido fumar, sublocar, ter animais de estimação, dar festas, e nem ouvir música alta depois das onze horas da noite.

– Certo – disse Georgie, a voz saindo um pouco áspera.

Em resumo, nenhuma diversão. Nenhum entretenimento. E definitivamente nenhum cachorro fofo e engraçado batendo o focinho contra sua mão e perseguindo bolas de tênis no gramado da praça lá fora.

Angela pegou um cartão de visitas da bolsa e colocou-o na palma da mão de Georgie.

– Qualquer outra coisa, é só me ligar... este é o número do meu celular. Meu filho Paul me ajuda com os negócios, então ou eu ou ele podemos atender. – Então piscou a pálpebra coberta de sombra turquesa e se inclinou para perto. – Aliás, meu Paul é muito bonito. Se as coisas derem errado com seu namorado pouco confiável... onde ele está mesmo?... então uma garota bonita como você poderia conseguir coisa muito melhor. Sem pressão!

Georgie tentou sorrir, mas era um esforço quando o pânico a assolava como ondas quebrando em uma praia. Meu Deus. O que ela fizera? Com o que concordara? E por que diabos Simon escolhera aquele apartamento horrível? Dizia-se um grande arquiteto, um designer de belos edifícios? Então por que essa visão artística não se estendia ao novo ninho de amor deles?

– Obrigada – conseguiu dizer, enquanto as perguntas zumbiam em sua cabeça como mosquitos, e depois, lembrando-se de que deveria defender Simon, acrescentou: – Ele provavelmente ficou preso no trabalho.

– É claro – respondeu a Sra. Morrison-Hulme com outra piscadela que dizia

não acreditar naquilo nem por um minuto. – Enfim, é melhor eu ir embora. – Seus saltos deixaram pequenas marcas no tapete quando deu os poucos passos de volta até a porta da frente. – Tudo de bom. Seja bem-vinda a SeaView!

A porta se fechou, e então Georgie ficou sozinha, completamente asoberbada pelo horror da situação em que se encontrava. SeaView House... Não tinha nada de vista do mar, pensou indignada, lembrando-se das latas de lixo nos fundos. Ela podia sentir o cheiro de algo podre na cozinha e havia uma mancha de umidade no teto. O que Amelia diria se pudesse vê-la agora? *Ah, meu Deus, George. Que pesadelo! Mas que inferno!* Lágrimas brotaram em seus olhos ao pensar na voz chocada de sua melhor amiga, e teve de conter o impulso de correr para o carro e dirigir direto para casa.

“Isso tudo foi um grande erro”, imaginou-se dizendo para a bolinha de pelos em seu carro enquanto dava meia-volta. “Um desastre!”

Mas então seu telefone tocou: Simon.

– Oi – disse ela, cheia de cautela. – Onde você está? Estou no apartamento.

Por favor, diga-me que houve um erro e esta não é nossa casa nova, pensou, cutucando uma bola de poeira no tapete com o dedo do pé.

– Sinto muito – disse ele. Georgie podia ouvir conversas ao fundo, outra pessoa rindo. – Surgiu algo aqui. Você conheceu a senhoria, certo?

– Sim. Ela veio e já foi embora.

Georgie passou a mão pelo cabelo e se recostou à parede. Agora que finalmente estava na mesma cidade que ele, não sabia bem o que dizer. *Odeio este apartamento!*, queria se queixar. *Não posso morar aqui!* Mas sabia que ele detestava quando ela criava caso. E, além disso, não queria ser o tipo de namorada grudenta que criava casos. Então, rangeu os dentes, e fez um imenso esforço para se livrar do nó na garganta e se recompor.

– Uma figura, não é? E sei que o apartamento é um pouco simples, mas adorei a iluminação... e a localização é ótima, não é? Do lado da praia! Podemos nadar juntos toda manhã.

Ela deu uma risada forçada.

– É.

Só que *não*.

Ele estava louco? E a lista que ela lhe dera? Ele *ouvira* alguma palavra do que ela dissera?

– Está vindo para cá agora? – perguntou Georgie.

As coisas pareceriam melhores quando ele estivesse lá também, procurou lembrar. Poderiam rir da decoração, ela poderia provocá-lo sobre sua terrível falta de gosto, poderiam testar a cama de casal. (Bem. Talvez depois que a inspecionasse à procura de insetos e borrifasse com vários galões de spray desinfetante.)

– Não posso mesmo ir embora agora, mas saio às cinco sem falta, está bem? – disse ele, e Georgie se sentiu tomada pelo desânimo mais uma vez. – Podemos comer peixe com batata frita e tomar algumas cervejas, sentar na praia e brindar ao nosso novo começo, que tal? – Então Georgie ouviu outra gargalhada por trás da voz dele e teve que pressionar o telefone ao ouvido para escutá-lo. – Agora tenho que ir. Até mais!

– Até.

Ela desligou e respirou fundo, tentando não ceder à tristeza. Peixe com batata frita e cervejas mais tarde com Simon, lembrou a si mesma. A praia. O novo começo. *Vamos, George, anime-se, tudo vai ficar bem.*

Em seguida, atravessou a sala de estar e, ao espiar pela janela, viu duas gaivotas brigando por uma embalagem de batata frita no pátio, batendo as asas, atacando com os bicos. Não era de desistir fácil, procurou se lembrar, enquanto uma das aves por fim voou, vitoriosa. Definitivamente não. Uma vez passara a noite toda em um fila em Leeds para ser uma das primeiras a comprar peças da coleção da Kate Moss na H&M, não é? E se mantivera firme em um emprego aos sábados num salão de cabeleireiro durante dois anos quando era adolescente, ainda que lavar cabelos toda hora tivesse feito a pele de seus dedos rachar até sair pus. E fizera a prova de direção três vezes antes de passar, de tão determinada que estava em conseguir. Ela não desistia das coisas, esse era a questão. E de jeito nenhum desistiria dessa vez também, nem voltaria para Yorkshire para ter que aguentar os olhares de pena de suas amigas, por mais bem-intencionados que fossem. Definitivamente não.

Então estava decidido. Ia desfazer as malas e pensar positivo. Não era tão ruim assim, era? O mar estava logo ali, a algumas centenas de metros da porta da frente, azul e cintilante, com sua percussão de seixos a cada onda – além disso, havia toda uma nova cidade a explorar. Novas aventuras! Um leque novo de diversões! Talvez até mesmo novos amigos e algum trabalho aqui e ali. Ela podia fazer isso. Ia conseguir. E começaria escrevendo seu nome e o de Simon naquela listagem dos apartamentos lá embaixo.

– Certo, então – disse em voz alta. – Vamos lá.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Sextante, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

